

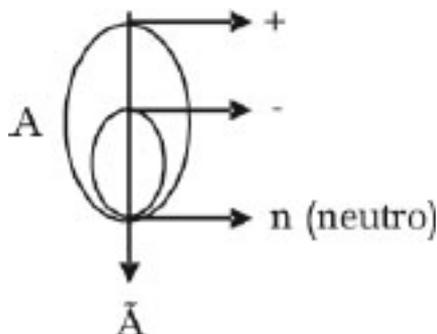
Carnaval em Revirão¹

Cinco ensaios sobre o carnaval carioca – versão ampliada e revisada
Por Augusto Carazza

Revirão no Samba:

Lage, Magalhães e Barros – Três histórias de ‘reviramento’ no carnaval carioca.

O que Lage, Magalhães e Barros têm em comum? Os três já aplicaram (se assim podemos dizer) o Revirão, ou seja, reinventaram-se. Mas, do que se trata? A princípio, faz-se necessário explicar o que entendemos por ‘reviramento’. O que diferencia a espécie humana das demais é justamente a capacidade de revirar uma situação posta, tanto pelo próprio homem, quanto pela natureza. Esta, por exemplo, traz uma complicação: “homem, você não pode voar!”, todavia, esse ser ‘doidinho’, dotado da capacidade de ‘revirar’ (portador desta máquina), inventa um aparelho que dribla a natureza e, assim, facilita sua vida, ao diminuir distâncias. Há vários outros exemplos de mesma ordem...



A – Haver

Ã – Não HAVER

+/- -> oposições (dia/noite, homem/mulher)

N – indiferença (posso escolher tanto um lado quanto outro)

No campo cultural, isto também acontece. Fórmulas gastas – cinema, televisão, literatura, arte, psicanálise, carnaval – forçam, em um determinado momento, a emergência do ‘**Novo**’, que logo se tornará **velho**. Porém, como este ‘Novo’ pode emergir? Não é tarefa fácil, já adiantamos! Eis um comentário do psicanalista MD Magno (o conceito do ‘revirão’ foi criado por ele) sobre isso: “*alguma*

¹ Os quatro primeiros textos deste ensaio foram publicados originalmente, por este autor, no site ‘Tradição do Samba’, de 2008 a 2009; o último foi escrito em janeiro de 2010. Agradeço ao dono, Ricardo Almeida e ao colunista, Rafael Rezende, pela oportunidade.

coisa nos acossa de tal maneira que, de repente, podemos ficar angustiados. Aí é que há possibilidade de acontecimento de uma tentativa, uma ocasião, de se virar. É só eventualmente que o Vira-ser comparece” (Natureza do Vínculo, 1993, p.27). Ou seja, o surgimento de algo novo vem a partir de uma insatisfação (que provoca angústia) de algo estabelecido (“lixo cultural”), que já não mais faz sentido, abrindo, assim, caminho para um novo discurso, que irá re-ordenar as coisas (por um tempo). Vamos aplicar isso ao carnaval carioca.

Virando nas viradas desta vida...

Renato Lage – o carnavalesco do Castor – imprimiu sua marca ao desenvolver o enredo “**Vira, virou, a Mocidade chegou!**”. A escola de Padre Miguel passava por um momento delicado: depois da morte de Fernando Pinto (1987), a agremiação ficou, nos dois anos que se seguiram, “perdida”, uma espécie de ‘crise existencial’ (semelhante a dos anos 2000). Precisava, portanto, de uma virada. Esta veio com Renato e Lilian que souberam entender o momento pelo qual a escola estava passando para, enfim, imprimirem um modelo campeão. Com diz Magno, o ‘Vira Ser’ comparece em momento de crise (angústia), pois esta é a fonte de novas idéias, é o que nos move em direção a algo que faça sentido.

No caso de Renato, enaltecer os mestres para se tornar Um é de uma sensibilidade ímpar. Reparem que a partir deste enredo, ele revira não só a história da Mocidade, como a própria – cria um novo estilo de se fazer carnaval (estruturas vazadas, enredos contemporâneos, néon, high tech) e passa a viver disso. Explicando melhor... O ‘passo’ (algo ocasional, momentâneo) de Renato foi em 1990 e só. Nos anos que se seguiram, o carnavalesco (não só ele, outros também) passou a viver de sua descoberta, inclusive a própria Mocidade que até hoje tenta sobreviver da pecha futurista. É claro que Renato revirou outras vezes como em “Villa Lobos”, todavia, neste caso, foi mais um retorno do que avanço...

O Futuro de Rosa Magalhães

A seqüência de enredos históricos e a posição irregular no carnaval de 1997 (com Chiquinha Gonzaga, a escola campeoníssima ficou em um modesto 6º lugar) serviram como estímulo a competente Rosa Magalhães. No ano seguinte, ela se reinventa ao conceber o belo “Quase no ano 2000” – reinvenção (da maneira dela) na forma e no conteúdo. Alguns estranharam esse ‘novo estilo’ da carnavalesca como alguns comentaristas da Manchete. Ao invés de carruagens, reis, rainhas; a Imperatriz

daquele ano veio com polvos, robôs, foguetes, laser, enredo contemporâneo - aliás muito bem desenvolvido.

Contradizendo as obras de ficção científica, os anos 2000 não serão palco da batalha do homem contra a inteligência artificial, mas, sim, contra a natureza – mais atual, impossível. Vale ressaltar que, em 1998, foi criado o Instituto Ethos, referência na área da responsabilidade social corporativa. Rosa, todavia, não sustentou o ‘passo’ dado. No ano seguinte, retornou ao enredo histórico e, assim, foi levando os anos posteriores...

Barros: pós-Renato?

O que será dito aqui é uma hipótese, porque para entender o turbilhão Barros, precisaríamos de uma coluna dedicada exclusivamente a ele, seríamos, portanto, levianos em ‘fechar’ opiniões a respeito do seu trabalho e do impacto dele no universo do desfile das Escolas de Samba. O reviramento do carnavalesco começou em 2003, na Paraíso do Tuiuti, ainda no Grupo de Acesso A. O enredo foi em homenagem ao pintor Portinari. Pela primeira vez, Barros trabalhou o conceito de ‘alegorias vivas’ que conquistou seu ápice, no ano seguinte, na Unidos da Tijuca, com o “Sonho da Criação e a Criação do Sonho” – tema científico, que gerou polêmica em alguns segmentos, por conta de sua aparente complexidade. Em uma entrevista ao programa ‘Deles e Delas’, da Band Rio, daquele ano, um dos entrevistadores perguntou se a escola teria efeitos especiais, pertinentes já que se tratava de um enredo futurista. Barros sorriu e disse algo assim: “Não! Temos surpresas. Trabalho de outra forma”. Sabemos o resultado dessa “outra forma” – os carros do Frankstein e, sobretudo, do DNA, dinamizaram e re-inventaram o modo de se conceber alegoria. Outras escolas passaram a adotar o modelo, nem sempre com o mesmo sucesso.

Alguns afirmam que Paulo não trouxe uma novidade, pois ela sempre existia, evocam inclusive a figura do talentoso Oswaldo Jardim. Todavia, foi Paulo que a trabalhou da forma mais assertiva, mais eficaz (ele criou o método). Os desfiles de até então causaram um desconforto no artista, uma angústia só aplacada com a realização de seu desejo e isso é bonito. Como já citamos, o reviramento de Paulo foi em 2003, mas, no grupo Especial, foi em 2004, lançando mão da criatividade em detrimento do luxo, além de mostrar que é possível simplificar algo complexo... Reparem que nos anos seguintes, assim como Renato, Paulo passa a viver de sua invenção (dos restos), não só ele, até a poderosa Beija-Flor bebeu, em certos momentos, da fonte, mas evidentemente o sucesso não foi o mesmo. Seu carnaval de 2008 foi o mais radical, porém menos poético. Mas a vida é assim mesmo... É possível

que o trabalho de Paulo seja uma continuação do trabalho de Renato, contudo abordaremos isso em uma outra oportunidade....

Bicho Homem...

“O homem é um animal que indaga obsessivamente sua origem” (Beija-Flor, sinopse, 1996)

No afã de responder as perguntas (de onde vim? Para onde vou?) que o inquietam, desde sempre, o homem deu início, no dia 10/09/08, a mais ambiciosa experiência científica da história. Entrou em funcionamento, na Suíça, a máquina de colisão de partículas (Grande Colisor de hádrons) do Cern (Organização europeia de pesquisa nuclear), que pretende reproduzir, em escala menor, as mesmas condições do Big Bang, que, supõe os cientistas, seja o estopim da criação do universo. Iniciativa fantástica que só corrobora o aspecto ‘revirante’, curioso deste animal. Salve a curiosidade! Ou como diz Max Lopes: “Não me proibam criar, pois preciso curiar!” .

Tal curiosidade (o que somos?) também atiçou a mente de nossos carnavalescos que, invariavelmente, trouxeram-nos enredos instigantes, visando “dar conta” deste mundo, deste Haver. Começamos, por exemplo, pelo Aurora do Povo Brasileiro, de 1996, idealizado pela “titia” Milton Cunha (divertido, como sempre, foi assim que ele se identificou para uma repórter da TV Globo ao explicar o enredo). O ponto de partida foi o fóssil feminino de mais de 10 mil anos, descoberto pela equipe da arqueóloga Niéde Guidon, na Serra da Capivara, Piauí, chamada, por Milton, de Aurora. O começo, do Brasil, portanto, ocorreu há milhares de anos antes da chegada dos portugueses. Já havia algo por aqui... Apesar da exaltação a Aurora, não há como confirmar, de fato, um Início do Brasil, do planeta ou do universo e o refrão do samba da Beija evidencia esta angústia: “Ô..Ô..Ô.. “Mãe Negra, África! Diga quem eu sou, de onde vim, para onde vou”.

As incertezas continuam: “A Nossa Aurora é assim, começo e desconheço o que dirá o fim”. Esta parte do samba segue o texto do Milton que dizia: “e assim como não tivemos começo, não teremos fim”. Do ponto de vista psicanalítico, isso é bem possível, afinal o Não-HAVER não Há, ou seja, a Morte não Há. A razão é muito simples: não temos consciência da morte (do ponto de vista do indivíduo), assim como não tivemos consciência de nosso nascimento. De repente, existimos... Estamos, aqui, escrevendo, falando, brigando, trepando, “havendo”, mas não temos a mínima idéia de como isso aconteceu. O mundo é místico...

Lidar com o desconhecido nos faz criar explicações metafísicas (sobrenaturais) para dar algum sentido à vida, embora, é bem provável, que na Haja. Ela – um acaso? – é mais uma resistência à morte do que uma propulsão a existir. Não encontramos vida em qualquer lugar (só observar o Universo), não é corriqueira. Milton, portanto, recorre ao criacionismo para solucionar o seguinte enigma:

“O Homem veio do macaco,
Que veio de uma célula aquática
Num primitivo mundo chamado Pangéia.
Pangéia veio das entranhas do planeta Terra,
Que veio da reunião de gases soltos,
Que sobraram da explosão do Big-Bang.
Ainda assim e sempre, Foi Deus Quem apertou o primeiro botão!”

Os cientistas do Cern buscam exatamente este “ser” que apertou o botão, e sabem que há um risco em tal empreitada. Risco pequeno, é verdade, porém o experimento pode gerar um buraco negro, que engoliria a própria Terra. Mas, isto é uma visão pessimista demais e com mínima chance de acontecer. Agora, se acontecesse não deixaria de ser um fenômeno instigante, digno de ser experimentado.

Por enquanto, já que a máquina de colisão de partículas está ‘engatinhando’, é melhor acreditar no refrão do samba da Mocidade, de 1996, que dizia: “olha para mim, diga quem sou. Eu sou o espelho, sou o próprio Criador”. Pois, assim, ratificamos a Fé de que tudo, que aí está, pertence ao homem e a algo que, de algum modo, reflete-o. Apesar de sua vocação para a destruição, o ser humano consegue ir mais além: “gênios, artistas inventores, fazem um mundo diferente, mexem com a vida da gente, dando asas à imaginação”, afinal ele faz uma bomba muito bem feita, mas, também, enredos e sambas que nos arrepiam.... Qual sua origem?

Mundo líquido, onde tudo é possível...
Não seja **blasé**, para não se arrepender
Daquilo que não foi vivido.

Mas, então, como me defender?
Afinal, há tanta desilusão...
Use uma **máscara** e faça uma escolha

O Retrato das Almas...

Estamos aqui por amor ao Carnaval. Amor a esta festa que de algum modo, por motivos muitas vezes inexplicáveis, acossou-nos de tal forma que não há mais escapatória. Eis um objeto que nos amarra, que nos força a produzir algo – seja samba, enredo, artigos, fantasias, alegorias – para dar conta do ‘vazio’... O que seríamos de nós sem o Carnaval?? E olha que temos que ter paciência, afinal esta manifestação cultural nem sempre é **tratada** como deveria e, por tal razão, pensamos em desistir, em abandoná-la. Sim, às vezes, passamos por este momento, sobretudo pós Quarta-Feira de Cinzas. Seria, portanto, pertinente convidá-los a abandonar este dia da semana?

As desilusões estão aí mesmo e sempre deparamo-nos com elas. A energia que gastamos para acompanhar esta festa e sustentá-la é grande. Logo, quando presenciamos fatos que contribuem para a perda de sua legitimidade, reagimos, de imediato, afinal, queremos justiça, etc... Porém, sabendo que o Sistema, condutor deste espetáculo, é assim mesmo, o que fazer? Uma coisa é certa: ele é extremamente frágil, apesar de parecer-se poderoso. Na era da Responsabilidade Social Corporativa (RSC), as instituições procuram trabalhar de forma assertiva os conceitos de imagem e reputação, isto significa que não basta **parecer** ético, tem que **ser!** As empresas, por exemplo, não só precisam desenvolver uma gestão empresarial responsável como, também, patrocinar projetos que estejam em consonância com as diretrizes desta responsabilidade social.

Agora, como pensar isso no mundo do Carnaval? Afinal, como as empresas podem associar suas respectivas marcas às nossas agremiações? É possível trabalhar a imagem delas sem o **risco** de que a qualquer momento um “furacão” leve todo este esforço por água abaixo? É possível **gerenciar** este risco? Taí uma razão para que as companhias (exceto as estatais) sejam conservadoras em patrociná-las...

Até aqui, abordamos as ilusões das quais somos submetidos quando adentramos nos meandros da festa. Entretanto, para dizer a verdade, nossa intenção não é dissertar sobre aquilo que todos sabem, mas nada fazem. Retomando o questionamento do primeiro parágrafo: diante desta *política*, o que podemos fazer?

Naturalmente, a resposta surgirá de cada um, porém vamos nos atrever a fazer algumas colocações que servirão, apenas, como pontos de vista e, não, como verdades absolutas. Seria pretensão demais...

Bom, posto isso, vamos ao que interessa. Nossa **Sugestão** parte da segunda estrofe do poema acima, que interpretamos da seguinte maneira: o modo mais econômico de enfrentar esta desilusão é investir nossa energia naquilo que vale a pena, naquilo que dá tesão e o Carnaval, para nós, é uma fonte inesgotável de Tesão. Confuso? Para sermos didáticos, iremos nos apropriar do enredo “*Gueledés – Retrato das Almas*”, desenvolvido por Jorge Caribe, em 2006, no Arranco de Engenho de Dentro. O tema abordou a história da personalidade humana, por meio de *máscaras*. Percorrendo os séculos de modo cronológico, o homem utilizava-se destas estruturas faciais, visando representar elementos de seus respectivos sistemas simbólicos. Podiam representar tanto aspectos positivos, lúdicos; quanto negativos, andróginos. Porém, todas têm algo em comum – o mistério. Afinal, quem está por detrás dela? O que estas pessoas que as usam visam esconder?

A princípio, dizemos que estas pessoas que usam máscaras pretendem esconder seu “eu” por alguma razão que não sabemos. Isso, aparentemente, causa um desconforto, afinal o desconhecido é algo que nos angustia há tempos (isso foi abordado na coluna anterior). Logo, pré-julgamos: o termo “aquela pessoa é mascarada” exemplifica isso. Todavia, isso é um erro de nossa parte e, felizmente, os compositores (Sylvio Paulo, Espanhol, Fernando, Bola e Bira Só Pagode) souberam compreender a mensagem do carnavalesco:

“Sou a alma, sou a cara
Sou o Retrato, que **retrata** o que na **alma**
Eu sou de fato!”.

Na realidade, as máscaras não escondem nada, pelo contrário, são artefatos fabulosos que explicitam os desejos e sentimentos mais ocultos. Por meio delas, vemos as “almas” das pessoas. Elas revelam o que alguém de “cara limpa” não o faz. Portanto, quando ouvimos a expressão “*fulano é mascarado*” não precisamos ficar apreensivos, porque sabemos perfeitamente como ele é – é mais fácil lidar com o que é conhecido, embora o seu oposto seja mais estimulante...

É possível que este texto, até o momento, não tenha sido suficientemente claro no que tange a sua proposta inicial. Contudo, tenho Fé de que tudo que foi exposto seja necessário para que nosso raciocínio seja lógico... Agora, se não for, também não será um grande problema. A questão chave é, em tempos de

fragmentação de identidades, perdição de referências, *liquidez* (nada é estático, só observar nosso mercado financeiro), qual **máscara** iremos usar para dar conta de nós mesmos? Isso varia de cada um, mas o importante é escolher Uma e seguir em frente. Caribé, no fim de seu enredo, deixa isso claro – “**com a máscara no rosto, posso ser tudo o que quiser e puder!**”. Evoca o período carnavalesco, porque é nele que o inconsciente (o desejo) está mais disposto a se revelar. Portanto, para fugir das frustrações inerentes ao Carnaval, o jeito é usar a máscara da alegria e aproveitar este período para **se divertir, divertir, divertir....**

“Mas não me leve a mal, hoje sou poeta, É CARNAVAL!”

AQEA

*O desejo de ser amado;
O obstáculo;
O vazio de formação;
A emergência do novo;
A disponibilidade para o que há;
O Carnaval*

Vamos falar de amor... Para isso, tomaremos como exemplo a Festa dos Protótipos – festa que revela como nós nos comportamos em relação ao amor do **outro**. Ela gera grande expectativa por parte dos integrantes e torcedores das agremiações, porque estes querem, enfim, ter uma idéia de como sua escola de coração passará pela avenida – Bonita ou feia? Luxuosa ou pobre? Chique ou brega? A partir desta primeira análise, surgem os comentários, muitas vezes, descabidos e apaixonados que, inclusive, já apontam, de forma precipitada, as campeãs e rebaixadas do ano seguinte. Todavia, a expectativa maior é para quem os idealiza e coordena sua execução – os carnavalescos. O peso é muito maior para estes artistas, porque estão submetendo suas criações ao gosto do público, de todo tipo de público, aliás, e isso, naturalmente, cria uma ansiedade absurda e perguntas como “Será que as pessoas estão gostando? Será que estas fantasias refletem a história da escola? Agradaram ou não?”. Este processo é natural, mas perigoso, porque o artista tem como referencial o outro, ou melhor, o “amor do outro” e isto é um problema no que se refere à potencialidade criativa, que deve ser livre para qualquer artista.

“Aplausos, aplausos, aplausos!”

Para muitos, o número de pessoas que aprovam nossas ações é correlato da qualidade daquilo que produzimos. Quanto mais ruidoso o aplauso, maior evidência de que fomos bem sucedidos. Esse tipo de raciocínio, no entanto, acaba por reduzir a qualidade à submissão ao gosto médio, àquilo que agrada ao grupo, à massa. Na realidade, isto não é o problema mais grave, mas, sim, quando hipnotizados pelo amor do outro, ficamos impedidos de ir além. Como assim?

É simples: para agradar ao outro, aos **desejos** do outro, muitas vezes, renunciamos aos nossos próprios desejos e isso é terrível para nosso desenvolvimento criativo. Somos seduzidos facilmente, qualquer agrado nos satisfaz, porque ele nos insere na zona de conforto: eu sou amado! Porém, a busca deste amor é ilusória e é uma das grandes causas do sofrimento humano, porque acreditamos

que nossa realização está na compreensão do outro, mas isso é impossível, a **relação** é impossível.

Para que possamos produzir algo de singular, em qualquer área de conhecimento, que, de fato, afete as pessoas de maneira inexorável, precisaríamos chegar a um lugar, chamado de “vazio absoluto” (MD Magno), de “cais absoluto” (como diria Fernando Pessoa). Trata-se de um lugar em que as formações culturais perderiam sentido, levando-nos a este vazio (o que fazer da minha vida?), forçando-nos a produzir algo que dê sentido a nossa existência (revirá-la). É a partir deste processo, que emerge o novo, o singular. Dali, Freud, Picasso, Einstein, Newton, Pessoa são exemplos de pessoas que passaram por este processo. No carnaval, também, temos exemplos: Fernando Pinto (talvez, o mais radical), João Trinta, Renato Lage, Pamplona, em algum momento, fundaram o novo, ou melhor, construíram um discurso próprio, que passou a ser replicado por outros artistas.

Portanto, se ficarmos presos a idéia de que a aprovação de nosso trabalho está atrelada ao número de pessoas que nos aplaude, certamente não chegaremos a esta “radicalidade” do Haver, da vida. E esse é o grande problema enfrentado, atualmente, pelos nossos carnavalescos (presos a um ‘status quo’). Eles estão atrelados, irremediavelmente, a esta aprovação do outro (público em geral, imprensa, jurados, dirigentes) e isso os engessa, procuram reproduzir um modelo que é tido (ordem da ficção) como o certo. Não é à toa que presenciamos a esta estúpida pasteurização do desfile e o fim das grandes idéias, das grandes sacadas.

Há exceções... Barros, por exemplo, é o cara que está tentando, a seu modo, balançar a estrutura deste monótono Carnaval. Lógico que nem sempre acerta, precisa melhorar o acabamento de seus carros e tal, mas, pelo menos, procura fazer algo diferente. Errar faz parte do processo e, às vezes, lá na frente, o erro vira acerto. Picasso, por exemplo, foi execrado, de início, mas depois passou a ser estudado nas mais conceituadas academias de arte do mundo. O importante é compreendermos que artista que é artista (**AQEA**) não se satisfaz com os primeiros aplausos, com os primeiros afagos (talvez, este seja o problema enfrentado por Barros – o queridinho da imprensa), mas, sim, é aquele que trabalha, de forma perene, para adaptar as formações do mundo aos seus desejos. **AQEA** produz para dar conta de si e, não, do outro, além de estar mais aberto à vida. Seu sucesso está relacionado à capacidade de percepção do mundo. Não é à toa que Lacan (psicanalista) dizia que as coisas nos olham...

“No campo escópico, tudo se articula entre dois termos que funcionam de maneira antinômica -

do lado das coisas há o olhar, quer dizer, as coisas têm a ver comigo, elas me olham, e contudo eu as vejo. Neste sentido é que é preciso entender a palavra martelada no Evangelho – *Eles têm olhos para não ver*. Para não ver o quê? – justamente que as coisas têm a ver com eles, que elas os olham” (Lacan, Seminário 11, p. 106).

AQEA age como Newton – que teve um “insight” quando a bendita maçã caiu na cabeça dele; pôde, assim, formular a teoria da gravidade – porque está disponível para o belo, que se encontra do lado de fora; percebê-lo é passo fundamental para a emergência do fantástico. Os carnavalescos poderiam trilhar este difícil, mas estimulante caminho, porque, assim, teríamos um Carnaval mais criativo, instigante e menos burocrático...

O desejo do homem é desejo do Impossível!

“A primeira ação que se deve fazer ao se colocar os pés do lado de fora da cama é começar a sonhar” (Rubens Molina, psicanalista).

Eis ALEI do Universo: Haver desejo de não Haver (A∅Ã). Ou seja, todo e qualquer TESÃO (podem pensar no que vocês quiserem!) quer se satisfazer, quer a paz! É o que a Física chama de ‘entropia’: todo sistema tende à desordem, toda energia tende ao escoamento. Observem as estrelas que explodem em supernovas ou em ‘buracos negros’ ou até mesmo os movimentos tectônicos do planeta Terra. Não há estabilidade! A paz, portanto, que seria o fim de nossas angústias, não há! Logo, o homem é obrigado a produzir extensões de seu corpo (próteses) para que possa dar conta de sua limitação: eis os carros, aviões, roupas, cérebros artificiais, computadores, livros, carnaval... Tudo é sublimação, ‘todos os objetos sempre foram sublimatórios’, inclusive a ‘putinha da esquina’. Como assim? Toda criação humana é uma resposta à constatação original de que não há A COISA (Das Ding), ou seja, não há UM objeto que o complete totalmente. Daí, o impulso à criação! Porém, as pessoas, comumente, acham que há este objeto (que o completará) e, é aí, que elas se estrepam! Tem gente que casa cinco, seis vezes, pois acha que vai encontrar A pessoa. O pior é que sabe, por experiência, que ela não existe, mas, ainda assim, insiste!

O falatório acima, pensado sob a ótica da psicanálise, é necessário porque quando falamos de carnaval, de desfiles das Escolas de Samba, nos moldes como conhecemos, estamos falando, também, de sublimação. E é uma sublimação que permite o indivíduo sonhar, aliás, tão comum às artes em geral. Esse é o ‘pulo do gato’ do Carnaval: abrir espaço para o sonho! Não é à toa que é comum a gente ouvir que, durante a festa, as pessoas esquecem os problemas, esquecem o *horror da existência*. Quatro dias de felicidade. Que beleza! Sim, porque somente existir é pouco para o ser humano, além de ser doloroso. Daí, a necessidade de sonhar, de sublimar e, assim, produzir alguma coisa que afaste esta dor. Fernando Pessoa já dissera: “viver não é preciso, NAVEGAR é preciso”. Ode à aventura humana! Observem: os versos abaixo do samba da Mocidade, de 1991 e 1992, traduziram este espírito, sobretudo se considerarmos o momento, vivido pela escola naquela época (o sonho do tri, o sonho de ser uma nova Mocidade):

“Naveguei, naveguei, no afã de encontrar (encontrar), um JEITO NOVO de fazer meu povo delirar (delirar)”.

“Sonhar não custa nada, o meu sonho é tão real, mergulhei nesta magia, era tudo que eu queria para este carnaval. Deixe a sua mente vagar, NÃO CUSTA NADA SONHAR”...

Para 2010, duas escolas, especificamente, irão abordar a capacidade humana de sonhar, de desejar o impossível. Uma delas é o Salgueiro. Reparem que, na verdade, o enredo não é bem sobre o livro (físico), mas, sim, o livro como extensão da capacidade de imaginação do homem. Isso fica claro na sinopse. A epígrafe do argentino Jorge Luís Borges ratifica isso e o título do enredo – *História sem fim* – é apropriado para a intenção do carnavalesco. Renato é um sonhador... Aliás, há um filme, chamado *História sem fim* que se enquadraria perfeitamente no enredo do Sal, pois abre espaço para o sonho. No fundo, a mensagem do Salgueiro para 2010 é: o sonho não tem fim! E esta é a salvação do carnaval (assim como a salvação humana), pois enquanto houver um artista (AQEA), desejanste de sublimar SUA falta, a festa se perpetuará.

Ainda na sinopse há uma passagem que nos interessa: *“São abertas as páginas das ficções revelando um planeta vigiado por olhos eletrônicos, a serviço do grande Deus-Máquina que zela por nós. Cérebros artificiais altamente avançados, capazes de viajar pelo universo e simular uma realidade tomada pelo caos num cenário futurista. Estaríamos diante do último capítulo dessa nova Odisseia? O futuro dirá...”*.

Outro ponto positivo da arte (carnaval, livro, cinema, teatro) é a possibilidade de sublimar o potencial destrutivo, inerente ao homem. Ou seja, a gente pode redirecionar este potencial para o campo do simbólico. Muitas vezes, a gente fala assim: ‘matei aquela pessoa simbolicamente’. Trata-se de uma saída, porque, senão, a raça humana será exterminada por ela mesma. O trecho acima é ‘bem Renato’, pois revela seu costumeiro desejo pelo futuro e, ao mesmo tempo, sua preocupação!

‘As Guerras pela Internet virão e veremos menos sangue. Quatro horas de apagão foi bão? Que tal uma semana sem luz, água, gás, net, telefone e o escambau? Quem viver verá!’ (Rubens Molina).

O cavaleiro dos Sonhos Impossíveis!

A outra escola que irá abordar o sonho, mesmo que de outro modo, é a União da Ilha, de Rosa Magalhães. Ao abordar as aventuras de Dom Quixote, Rosa abriu

espaço para o imaginário, o irreal, a fantasia. Precisamos repetir isso: 'a vocação do homem é para a navegação, para o sonho, sofrendo o mínimo possível com a existência. Essa é a vocação da nossa espécie!' Quixote não quis saber do Real, em virtude de sua dor, logo o que ele fez? Deu asas à imaginação e se permitiu divagar por suas visões fantásticas, mesmo com o chato do Pança ao lado: o chato do Real! E, na verdade, 'não se trata de interditar aquilo que o homem não pode atingir, de proibir o impossível, porque é uma burrice. O impossível é impossível! Não tem por que proibir!'. Justamente, em função desse desejo, é que o homem progride! Portanto, vamos 'viajar nos braços do infinito, onde tudo é mais bonito neste mundo de ilusão!'.

"Sonhar,
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Negar quando a regra é vender...
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão".
(sinopse ILHA)